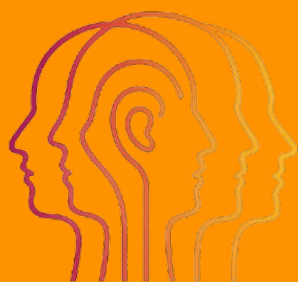


AVALIAÇÃO E REFERENCIAÇÃO



AUTISMO
NO ADULTO

CONSIGO NA VIDA

POR PEDRO RODRIGUES

Instrumentos e Processo de Avaliação do Autismo na Pessoa Adulta

Texto informativo dirigido a pessoas autistas adultas, familiares, médicos e profissionais de saúde.

1. A especificidade da avaliação do autismo na idade adulta

A avaliação do autismo em pessoas adultas exige uma abordagem clínica diferenciada da avaliação em idade pediátrica. As características nucleares do espectro do autismo mantêm-se ao longo da vida, mas a sua expressão é profundamente moldada por factores como aprendizagem social, camuflagem, experiências relacionais, exigências profissionais e contextos culturais.

Muitos adultos autistas desenvolveram estratégias sofisticadas de adaptação, o que pode ocultar dificuldades significativas e levar a diagnósticos tardios ou incorrectos. Assim, a avaliação deve privilegiar uma leitura longitudinal do funcionamento e não apenas o comportamento observado no momento.

2. Quem deve realizar a avaliação?

A avaliação do autismo na pessoa adulta deve ser conduzida por profissionais com formação específica em autismo no adulto, habitualmente psicólogos clínicos e psiquiatras. Idealmente, o processo decorre de forma articulada, integrando contributos de diferentes áreas da saúde, sempre que clinicamente relevante.

O Processo de Avaliação Clínica

3. Avaliação como processo e não como acto isolado

O diagnóstico de autismo é um processo clínico complexo e interpretativo. A aplicação de instrumentos padronizados, embora útil, não substitui a entrevista clínica aprofundada nem a compreensão da história de desenvolvimento da pessoa.

4. Entrevista clínica inicial

O processo inicia-se com uma entrevista clínica detalhada, onde se exploram:

- motivos da avaliação e expectativas da pessoa;
- história de desenvolvimento desde a infância;
- percurso escolar, profissional e relacional;

- funcionamento actual, incluindo comunicação, sensorialidade, regulação emocional e rotinas;
- impacto do stress, da camuflagem e do burnout;
- presença de comorbilidades médicas e psiquiátricas.

Sempre que possível e consentido, a recolha de informação junto de familiares ou outras figuras significativas pode enriquecer a avaliação.

5. Avaliação retrospectiva do desenvolvimento

Na idade adulta, a avaliação do desenvolvimento é necessariamente retrospectiva. Exploram-se padrões persistentes de diferenças sociais, comunicacionais e comportamentais ao longo do ciclo de vida.

A ausência de registos formais ou de memória detalhada não invalida o processo, exigindo apenas maior sensibilidade clínica e flexibilidade metodológica.

Principais Instrumentos de Avaliação

6. ADOS-2

A ADOS-2 é um instrumento de observação estruturada que avalia comunicação social, reciprocidade e padrões comportamentais. No adulto, deve ser utilizada de forma

contextualizada, considerando o impacto da camuflagem, da ansiedade e da experiência prévia da pessoa.

7. ADI-R

A ADI-R é uma entrevista estruturada focada no desenvolvimento precoce, realizada com um informador. É particularmente útil quando existe acesso a cuidadores que conheçam a história infantil da pessoa avaliada.

8. Questionários de auto-relato

Instrumentos como o Autism Spectrum Quotient, RAADS-R e CAT-Q contribuem para a compreensão do perfil autista e das estratégias de camuflagem. Estes questionários não têm valor diagnóstico isolado, mas são úteis na formulação clínica.

9. Avaliação cognitiva, executiva e funcional

Consoante o caso, podem ser incluídas avaliações cognitivas, de funções executivas, de adaptação funcional e de perfil sensorial, sempre orientadas por hipóteses clínicas claras.

10. A importância do diagnóstico diferencial no adulto

É essencial diferenciar o autismo de perturbações como ansiedade social, perturbações da personalidade, perturbação obsessivo-compulsiva, perturbação de défice de atenção e hiperactividade ou trauma complexo.

Uma leitura neurodesenvolvimental da história de vida permite evitar patologização indevida ou diagnósticos redutores.

Devolução Diagnóstica e Formulação Clínica

11. A devolução como momento terapêutico

A devolução do resultado da avaliação deve ser feita de forma clara, respeitosa e validante. Não se trata apenas de comunicar um diagnóstico, mas de oferecer uma narrativa integradora que dê sentido à história da pessoa.

12. Formulação clínica integrada

A avaliação deve culminar numa formulação clínica que articule características autistas, comorbilidades, recursos pessoais, vulnerabilidades e contexto de vida, orientando decisões clínicas futuras.

Referenciação Médica para Avaliação de Autismo

13. Quando deve o médico considerar a referenciação?

A referenciação deve ser considerada quando um adulto apresenta dificuldades persistentes desde a infância na comunicação social, adaptação, sensorialidade ou flexibilidade, sobretudo quando coexistem ansiedade crónica, depressão recorrente, burnout ou dificuldades de integração profissional.

14. Como efectuar uma referenciação adequada?

Uma boa referenciação inclui:

- motivo claro da suspeita de autismo;
- síntese da história clínica relevante;
- identificação de comorbilidades e tratamentos em curso;
- impacto funcional actual;
- expectativas da pessoa relativamente à avaliação.

15. Articulação entre cuidados de saúde

A comunicação eficaz entre médicos, psicólogos e psiquiatras melhora a qualidade do processo avaliativo e promove intervenções mais integradas e coerentes.

16. Mensagem final

A avaliação do autismo na pessoa adulta é um processo clínico exigente, que requer tempo, formação especializada e sensibilidade ética. Quando bem conduzida, permite não apenas clarificar um diagnóstico, mas promover compreensão, validação e caminhos de cuidado mais ajustados e humanos.

Documento passível de integração em materiais clínicos, formativos ou institucionais.